

MOÇÃO Nº 12 DE 20 DE OUTUBRO DE 2015

Encaminha Moção Aplaudindo
a Empresa CELULOSE
RIOGRANDENSE

Origem: Poder Legislativo

Senhor Presidente, cumprindo o que determina o Art. 168 do Regimento Interno desta Casa Legislativa, vimos a Apresentar a seguinte:

MOÇÃO

Aplaudindo a Empresa CELULOSE RIOGRANDENSE que em 3 de maio de 2015 deu início às operações da sua linha 2 de fabricação de celulose, com capacidade de produção de 1,3 milhões de toneladas de celulose/ano, obra de R\$ 5 bilhões de reais, considerado o maior investimento privado do Estado do Rio Grande do Sul em toda a sua história.

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

A presente moção tem por finalidade reconhecer a grande Contribuição que a CELULOSE RIOGRANDENSE traz à nossa região, pelos inúmeros postos de trabalho e por suas atuações em todo o Estado do Rio Grande do Sul no decorrer de décadas.

Eldorado do Sul, 20 de Outubro de 2015.

Vereador João Ferreira-PDT
Presidente

Ver. Francisco Alexandre Morfan – PMDB

Ver. João Carlos Vieira – PMDB

Ver. Jorge Vidal Amaral- PMDB

Ver. Paulo Ricardo R. dos Santos – PDT

Ver. João Francisco Cardoso – PT

Ver. Fábio Leal – PDT

Ver. Miguel Carvalho – PSB

Ver. Jorge Stropper Assis – PSB

HISTÓRICO

CELULOSE RIOGRANDENSE

A instalação da fábrica começou a ser desenhada em 1965, a partir da definição da norueguesa Borregaard S/A de implantar uma unidade industrial. Aliados a estes fatores, havia a convergência das duas principais rodovias do Estado, a proximidade e fácil acesso ao canal de navegação do rio Guaíba, as características de resistência do solo e a existência de duas outras indústrias similares: a Celupa e a Pedras Brancas.

Em 1966, foi constituída a empresa jurídica Indústria de Celulose Borregaard Ltda. para, depois de

reconhecido o projeto industrial pelo governo brasileiro, a fábrica ser oficialmente inaugurada, em 16 de março de 1972. A fábrica foi então implantada no município de Guaíba, às margens do Lago.

A empresa agravou o seu comprometimento na imagem devido aos impactos ambientais, principalmente, às emissões aéreas, facilmente percebida pelo forte odor de enxofre que o processo fabril provocava. Além de Guaíba, o odor atingia também cidades vizinhas, como a capital do Estado, Porto Alegre, na qual as manifestações da comunidade e órgãos de imprensa foram mais intensas. Um dos líderes do movimento contra a indústria foi um dos pioneiros do ambientalismo gaúcho: José Lutzenberger, fundador da AGAPAN - Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural. Diariamente, notícias referindo-se ao cheiro forte e à insatisfação da comunidade eram publicadas nos jornais. A imagem negativa e o forte apelo da comunidade culminaram com o fechamento da fábrica pela Secretaria Estadual responsável pela fiscalização ambiental, após dois anos da sua inauguração.

A partir de 6 de dezembro de 1973, a fábrica esteve fechada por cerca de 100 dias. O período de paralisação serviu para que os noruegueses da Borregaard assinassem um protocolo de intenções com o Governo do Estado, garantindo investimentos em tecnologia de ponta para o controle ambiental. A Secretaria da Saúde emitiu uma nova Licença de Operação e a fábrica voltou a operar. O caso da Borregaard foi emblemático e pautou melhorias na maioria das fábricas de celulose existentes no mundo.

Em 1975, o grupo norueguês Borregaard vendeu a fábrica aos grupos gaúchos Sulbrasileiro/MFM (Montepio da Família Militar), motivo pelo qual a razão social passou a se chamar Rio Grande Companhia de Celulose do Sul - Riocell.

Gradativamente, neutralizou-se a impressão ruim que, de início, havia sido fixada pelas pessoas. Para se ter uma ideia das melhorias e tecnologias ambientais empregadas na Riocell, o volume de investimento feito nesse campo entre os anos de 1972 a 1989 foi de US\$ 56 milhões. Internamente, ações de Relações Públicas buscaram desenvolver uma consciência ecológica dos funcionários de que todas as atividades fabris merecem atenção, para que este estado de alerta possa prevenir e evitar acidentes ambientais, preservando o Guaíba e todo o ambiente natural. Para alertar sobre os danos que os acidentes nas fábricas provocam, foi desenvolvida uma campanha de educação ambiental que integrou todo o corpo funcional, através do desenvolvimento de peças com forte apelo visual. O resultado desta campanha a empresa adquiriu uma filosofia voltada para a proteção ambiental, os funcionários sentiram-se mais importantes no processo, na medida em que suas sugestões são valorizadas, e que o controle dos pontos vulneráveis por todas as áreas concebeu a característica de cooperação, além de reduzir acidentes ambientais e desperdício de energia.

Em 1978, o diretor superintendente da época, Aldo Sani, convidou o ecologista José Lutzenberger para uma visita de apresentação sobre disposição de resíduos sólidos. Lutzenberger interessou-se pelo resíduo do tratamento biológico, tendo enviado amostras para análise na Alemanha. Após cura desse resíduo, de seis meses a um ano, submetido a exposição ao ar livre, constatou-se que não haviam resíduos organoclorados comprometedores à saúde. Com essa informação, Lutzenberger propôs-se a retirar esse resíduo da fábrica e a reciclá-lo, transformando-o em produto para uso como fertilizante agrícola, especialmente em jardinagem e horticultura. Para a empresa foi um excelente negócio, pois eliminou custos com a remoção e disposição. Essa parceria com a empresa fundada pelo saudoso ecologista dura até os dias de hoje. Lutzenberger foi também responsável pela implementação do parque ecológico existente na área da empresa, às margens do lago Guaíba.

Ainda em 1978, o controle acionário da empresa passou a ser administrado pelas Entidades Públicas BNDE (Fibase) e Banco do Brasil. Quatro anos depois, passou para o controle da *holding* KIV Participações S.A., constituída pelos grupos Klabin, Iochpe e Votorantim. A partir daí, a denominação social mudou para apenas Riocell S.A.

No início da década de 80, a Riocell iniciou um novo projeto de Relações Públicas para a comunidade com enfoque no meio ambiente, a campanha "Cubra o Mundo de Verde". O projeto consistia na doação anual de 100 mil mudas de árvores nativas, ornamentais e frutíferas, além da distribuição de folhetos explicativos e orientação agrônômica para a comunidade porto-alegrense.

Além disto, existia o também tradicional Projeto Educação, que consiste na doação anual de 550 mil cadernos escolares fabricados com papel produzido em Guaíba e distribuído para todos os alunos matriculados nas redes públicas de ensino estadual e municipal da região de atuação da empresa. Além disso, o projeto assistencial de doação do mel extraído das florestas de eucalipto da empresa beneficia as escolas de educação especial, principalmente as APAES - Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais dos municípios onde a empresa tem seus plantios de eucaliptos.

Foi em 1988 que a empresa iniciou um programa motivacional envolvendo toda a empresa, a fim de sensibilizar funcionários, gerências e diretorias para a importância do aspecto "qualidade" em todas as ações executadas. No ano seguinte, foram ministrados treinamentos focados na melhoria de desempenho pela modificação de enfoques gerenciais, no controle de processos já estabelecidos na empresa. Três anos depois, iniciou-se a busca pela certificação do Sistema de Qualidade. Foi a primeira empresa latino-americana do ramo de celulose e papel e a primeira empresa gaúcha a conquistar o certificado ISO – 9002.

A empresa criou, em 1992, o Ceciell – Centro de Educação para Ciências da Riocell, que atua hoje como área de relacionamento junto às autoridades nos municípios de influência das atividades florestais e industriais, desenvolvendo ações de educação ambiental, de treinamento para a coleta seletiva de lixo de funcionários e prestadores de serviços. Junto à comunidade, o atendimento recebe a visita de escolares para conhecer o manejo florestal e o processo fabril e realização de trilhas ecológicas. A atuação comunitária se estende através do apoio a eventos voltados para a temática ambiental, capacitação de professores e, hoje, ao atendimento de princípios e normas de órgãos certificadores.

Em 1994, a empresa decidiu buscar a certificação do seu Sistema de Gerenciamento Ambiental (SIGA) de acordo com os critérios da Norma BS 7750, precursora das Normas ISO 14000. A partir desse momento, definiu parceria com o SEBRAE/RS e UNISINOS para treinamento de seus prestadores de serviços na área florestal, trabalho pioneiro no Brasil. Em novembro de 1996, foi certificada de acordo com os critérios da Norma ISO 14001. Foi a segunda empresa gaúcha e, também, a segunda empresa do setor de celulose e papel no Brasil a obter essa certificação.

Em outubro de 1995, aconteceu a alienação total das ações detidas direta e indiretamente pela Iochpe, para os Fundos de Previdência Privada PREVI (Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil) e PETROS (Fundo Petrobrás de Seguridade Social). Já em 2000, o Grupo Klabin adquiriu o controle de 99% das ações da Riocell, incorporando a empresa a alterando a razão social para Klabin Riocell. Em julho de 2003 a empresa foi comprada pela Aracruz Celulose, a maior produtora mundial

de celulose branqueada de eucalipto. A Aracruz manteve os programas existentes, criou novos e ampliou muitos deles. Isso estava especialmente ligado ao estabelecimento de uma licença social para a realização do projeto de expansão da capacidade produtiva da unidade.

Em 2009, ocorreu a fusão entre a Aracruz e a VCP dando origem à holding Fibria. No entanto, devido aos percalços da crise econômica de 2008, a Unidade de Guaíba foi vendida ao grupo chileno CMPC, que registrou a empresa com o nome de Celulose Riograndense. Hoje, a fábrica se mantém voltada para a produção de celulose branqueada de eucalipto e papéis de impressão e escrita. As instalações da empresa compreendem as fábricas de celulose e papel e mais de 500 hortos florestais que somam, aproximadamente 214 mil hectares de área para produção de eucalipto, sendo cerca de 115 mil hectares de efetivo plantio, distribuídos em 38 municípios gaúchos. As fábricas de celulose e papel e o terminal de madeira ocupam uma área de 106 hectares na cidade de Guaíba.

Na fábrica em Guaíba, a Celulose Riograndense possui uma Linha de Fibras, uma Fábrica Integrada de Papel, duas Caldeiras, Turbogeneradores, Recuperação de Produtos Químicos, Caustificação, Forno de Cal, Planta Cloro-Soda, Plantas Químicas, Estação de Tratamento de Água, Estação de Tratamento de Efluentes Líquidos, Central de Tratamento de Resíduos Sólidos e um terminal fluvial.

O tratamento de seus efluentes é realizado em 3 fases: Tratamento Primário, Tratamento Secundário, que utiliza tecnologia de Lodos Ativados com oxigênio puro, e Tratamento Terciário. Esta última etapa de tratamento é utilizada apenas por uma dezena de fábricas de celulose, dentro do universo de cerca de mil fábricas existentes em todo o mundo. O Tratamento de Resíduos Sólidos da empresa (reciclagem e disposição) é realizado por empresa contratada (Vida Produtos e Serviços Ecológicos) em um horto florestal próprio situado no município de Eldorado do Sul e atinge índices superiores a 99,5 por cento.

Atualmente, a empresa tem seu manejo florestal certificado, em âmbito nacional pelo Cerflor e, em âmbito internacional, pelo FSC – Forest Stewardship Council.

A planta industrial foi expandida em 2002, ampliando a produção de 300 mil para 450 mil toneladas de celulose por ano. O volume é obtido a partir de um processo de branqueamento ECF (*Elemental Chlorine Free*), livre em quase toda sua totalidade da utilização do uso de cloro molecular para branquear a celulose. A produção de papéis de impressão e escrita é de aproximadamente 60 mil toneladas anuais.

Em 3 de maio de 2015, a empresa deu início às operações da sua linha 2 de fabricação de celulose, com capacidade de produção de 1,3 milhões de toneladas de celulose/ano, obra de R\$ 5 bilhões de reais, considerado o maior investimento privado do Estado do Rio Grande do Sul em toda a sua história.

Eldorado do Sul, 20 de Outubro de 2015.

Vereador João Ferreira-PDT
Presidente

